

“Diamonds are forever”: O Museu Regional do Dundo e o papel da Geologia da Lunda no renascer de uma instituição histórica de Angola

“Diamonds are forever”: The Regional Museum of Dundo and the role of Lunda Geology in the rebirth of a historical institution in Angola

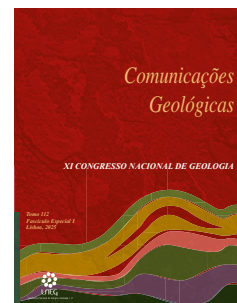
I. Tshibango-André^{1,2}, P. M. Callapez^{2,3*}, P. S. Andrade⁴, J. M. Brandão^{2,5}

DOI: <https://doi.org/10.34637/91nz-j629>

Recebido em 30/10/2023 / Aceite em 08/01/2024

Publicado online em abril de 2025

© 2025 LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia IP



Artigo original
Original article

Sumário: O Museu Regional do Dundo encerra uma rica história de pesquisas e formação de coleções que remonta à década de 1930. A sua fundação sob tutela da DIAMANG, não teria sido possível sem a intervenção do Administrador da Companhia, Ernesto Jardim de Vilhena (1876-1967), também ele colecionador e neto de Manuel Pereira Jardim (1818-1887), lente de Mineralogia, Geologia e Arte de Minas e responsável pela seção do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra. Situado na Lunda Norte (NE de Angola), a sua existência esteve sempre relacionada com a exploração de diamantes. Mundialmente famoso durante o período colonial, devido às suas ricas coleções etnográficas e arqueológicas, a instituição encerrou temporariamente após a independência, renascendo com novo vigor na última década. A Geologia e a exploração mineira ocupam um lugar importante na moderna exposição de longa duração, onde se destacam temas de mineralogia regional, petrologia e mineração de diamantes.

Palavras-chave: Dundo, Museu, Raízes históricas, Geologia diamantífera, Lunda Norte (Angola)

Abstract: The Regional Museum of Dundo has a rich history of collections and research dating back to the 1930's. Its foundation under the tutelage of DIAMANG would not have been possible without the intervention of the Company's Administrator, Ernesto Jardim de Vilhena (1876-1967). He was also a compulsive collector and grandson of Manuel Pereira Jardim (1818-1887), for many years professor of Mineralogy, Geology and Art of Mines, and responsible for the section of the Natural History Museum of the University of Coimbra. Located in Northern Lunda (NE Angola), its existence was always related to diamond exploitation. Worldwide famous during the colonial period due to its rich ethnographical and archaeological collections, the institution closed temporarily after country independence, but was reborn with new strength in the last decade. Geology and mining today play an important role in the modern long-term exhibition, which highlights the themes of regional mineralogy, petrology, and diamond mining.

Keywords: Dundo, Museum, Historical roots, Diamond geology, Northern Lunda (Angola)

1. Introdução

A realização do XI Congresso Nacional de Geologia no Departamento de Ciências da Terra da Universidade de Coimbra, constituiu uma oportunidade imperdível para relembra o longo e riquíssimo percurso histórico desta área do conhecimento na cidade dos estudantes (Callapez e Brandão, 2011; Callapez *et al.*, 2022), em que uma relação afetiva com Angola subsiste desde há muito, eivada pelo esplendor dos seus monumentos e recursos naturais, incluindo os geológicos e paleontológicos (*e.g.* Real, 1959; Monforte, 1960; Silva, 2005; Sessa *et al.*, 2013; Mateus *et al.*, 2019), a que se alia o fascínio pela diversidade cultural, arqueológica e etnográfica desse país. Desde cedo que o Museu de História Natural da Faculdade de Filosofia, herdeiro do gabinete criado no Colégio de Jesus, na sequência da Reforma Pombalina de 1772, para dar apoio a aulas experimentais que incluíam a Geologia e Arte de Minas (Ferreira, 1990, 1998), foi pródigo em receber espécimes e coleções de minerais e rochas do então território colonial, à medida que o seu sertão ia sendo desbravado (Callapez *et al.*, 2008, 2010, 2011). Este esforço no enriquecimento dos acervos existentes, persistiu durante a segunda metade de Oitocentos e acentuou-se, mais tarde, já durante o Estado Novo, também por imperativos políticos, daí resultando um conjunto de coleções geológicas que importa conservar e valorizar, hoje sob responsabilidade efetiva do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

Findo o tempo das grandes viagens, como a que Henrique de Carvalho (1843-1909) empreendeu à Lunda, entre 1884 e 1887, o esforço de colonização português trouxe consigo, se bem que numa perspetiva organizacional não aceitável após a revolução democrática de abril de 1974 e a independência de Angola enquanto país soberano, a necessidade do estudo e preservação de bens culturais e naturais singulares, através da publicação de monografias científicas e da criação de acervos museológicos locais. Nesse contexto de há quase um século atrás, fruto de mentes apaixonadas pelo colecionismo e do interesse científico, o produto da riqueza gerada pela descoberta e exploração diamantífera, permitiu fundos que conduziram à criação, em 1936, do atual Museu Regional do Dundo, na Lunda Norte, não longe da fronteira nordeste de Angola.

Pelas suas características e acervos que vão da Geologia e Arte de Minas, à Pré-história, à Etnografia e à Zoologia e Botânica, a par de uma publicação própria de grande impacto, não é difícil encontrar uma identidade comum entre as duas instituições museológicas

¹ Diretor Geral do Museu Regional do Dundo, EN180, Dundo, Angola.

² Universidade de Coimbra, CITEUC - Centro de investigação da Terra e do Espaço, Departamento de Ciências da Terra, R. Sílvio Lima, Polo II, 3030-790 Coimbra.

³ Grupo de Investigación Paleolbérica, Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, España.

⁴ Universidade de Coimbra, CGeo - Centro de Geociências da Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Terra, Portugal.

⁵ Universidade de Coimbra, HTC - História, Territórios e Comunidades, polo na NOVA FCSH do Centro de Ecologia Funcional, Coimbra, Portugal.

*Corresponding author / Autor correspondente: callapez@dct.uc.pt

referidas, fazendo jus às suas riquezas materiais e culturais angolanas; a primeira, mais vetusta e desde sempre na dependência da Universidade de Coimbra; a segunda, digna rival do museu de Tervuren (Bélgica) em terras de África.

No presente estudo, revela-se como esta relação improvável nasceu de relações familiares, ao longo de três gerações. Por um lado, a Museologia e o ensino da Mineralogia, Geologia e Arte de Minas na Universidade de Coimbra da segunda metade de Oitocentos, através de um dos seus atores mais destacados; pelo outro, décadas depois, a criação da DIAMANG e do Museu do Dundo, como fruto de sensibilidades e experiências adquiridas na infância do seu fundador. Descreve-se, igualmente, a herança presente do Museu Regional do Dundo, através dos seus espaços expositivos, os quais, em grande medida, vão no sentido de privilegiar a Geologia da Lunda e as atividades passadas e presentes da exploração de diamantes, os quais constituem uma das maiores riquezas naturais da República de Angola.

2. Monte São e Ernesto Vilhena, entre a espiritualidade e realidades geológicas

Os caminhos da Geologia e Arte de Minas na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, nos anos que se seguiram à Regeneração, são indissociáveis da ascensão académica do lente catedrático Manuel dos Santos Pereira Jardim (1818-1887), agraciado Visconde de Monte São em 1871 (Figura 1A), durante o reinado de D. Luís I, também pelo seu notável percurso político e administrativo votado à causa liberal (Ferreira, 1987), que culminou com a distinção de Par do Reino (Rodrigues, 1992). Jardim foi lente principal da 7.^a cadeira - *Mineralogia, Geologia e Arte de Minas* - dos bacharelatos em Filosofia Natural e Matemática, entre 1861 e a sua jubilação, em 1877, tendo assumido, por largos anos, a direção do *Gabinete de Geologia e Conchiologia* do Museu de História Natural (Ferreira, 1998). Terá sido por esta altura que as coleções museológicas começaram a ser providas de espécimes africanos, incluindo de Angola. Aliás, segundo Ferreira (1987), em discurso de 16 de maio de 1886 na Câmara dos Pares, sobre as missões ultramarinas, terá incentivado “a descoberta e valorização dos [seus] recursos minerais, botânicos e zoológicos”.

Este espírito, aliado a uma sensibilidade colecionista vocacionada para minerais, fósseis e conchas, terão constituído o embrião familiar



Figura 1. A. Manuel dos Santos Pereira Jardim (1818-1887), Visconde de Monte São e lente catedrático de Mineralogia, Geologia e Arte de Minas na Universidade de Coimbra (Fonte: “O Ocidente”, 1887, p. 106); B – Ernesto Jardim de Vilhena (1876-1967), neto de Jardim, Ministro das Colónias de Afonso Costa (1917) e administrador geral da DIAMANG, desde 1919, (figura da esquerda), (Fonte: Damião Peres, História de Portugal, suplemento, p. 159).

Figura 1. A. Manuel dos Santos Pereira Jardim (1818-1887), Viscount of Monte São and professor of Mineralogy, Geology and Mining Art at the University of Coimbra (Source: “O Ocidente”, 1887, p. 106); B – Ernesto Jardim de Vilhena (1876-1967), grandson of Jardim, Minister of Colonies under Afonso Costa (1917) and general administrator of DIAMANG, since 1919, (left figure), (Source: Damião Peres, “History of Portugal”, supplement, p. 159).

transmitido a um jovem neto de uma das suas filhas, que com ele viveu e se educou, por vários anos, na sua quinta de Lamarosa. Ernesto Jardim de Vilhena (1876-1967), (Figura 1B), mais tarde administrador geral da DIAMANG, desde a sua criação, em 1919, terá herdado do lente seu avô o gosto de colecionador compulsivo (Taborda, 2023), a que não terá sido estranho o convívio com os objetos naturais existentes em casa, complementado pela abundância da região em fósseis cretácicos, ou ainda, por visitas ao museu da Universidade de Coimbra e às suas coleções de minerais, rochas e animais exóticos. Mais tarde aluno da Escola Naval, Capitão-tenente da Marinha com um largo périplo de viagens por África e Ministro das Colónias no governo de Afonso Costa (1917), não é, por isso, de estranhar o seu envolvimento como Administrador da companhia diamantífera em Lisboa, na criação e engrandecimento do Museu do Dundo e das suas coleções etnográficas, arqueológicas e geológicas, o que não teria sido possível sem o seu aval e consequente apoio de forma continuada e persistente, até à década de 1960 (AAVV, 1995).

Estabelece-se, deste modo, uma interessante teia de ligações familiares, atravessando três gerações, entre o Museu de História Natural da Universidade de Coimbra, hoje Museu da Ciência, e o então Museu do Dundo, redenominado de Museu Regional do Dundo após a independência de Angola, mas em que o espírito da academia de Coimbra está presente.

3. O Museu Regional do Dundo e a Geologia e Arte de Minas numa perspetiva contemporânea

O atual Museu Regional do Dundo (Figura 2A) e primeiro a ser criado em Angola, embora passando por várias designações, foi fundado em 1936, pela DIAMANG, a Companhia de Diamantes de Angola, tendo por base coleções etnográficas efetuadas por José Redinha (1905-1983), a cujo nome ficou desde sempre ligado (DIAMANG, 1963; MRD, s/d). Durante a ocupação colonial portuguesa, o museu foi-se expandindo de forma substancial, permitindo a salvaguarda de muito do património cultural e da memória histórica dos povos da Lunda, e ligando as suas coleções a outras áreas do conhecimento científico, com destaque para a Arqueologia Pré-histórica, a Zoologia e a Botânica. A edição de uma revista científica de grande qualidade, impressa em grande formato, a par de um acervo que ultrapassa os 20 000 objetos, muitos deles singulares ou de grande raridade ou singularidade, permitiu, também, a colaboração de grandes vultos de renome para a época. Embora não sendo o principal eixo, a Geologia e a mineração estiveram sempre presentes, ou não fosse a exploração diamantífera o suporte financeiro que alimentava a dinâmica da instituição (Tshibango-André *et al.*, 2017).

A partir de 1975, com a independência de Angola e os longos anos de guerra que se lhe seguiram, o museu limitou-se apenas à conservação do seu acervo e teve de encerrar, renascendo a partir de 2012, com a reabertura ao público e a oferta de uma nova exposição de longa duração, e do respetivo catálogo (MRD, s/d). Neste quadro auspicioso, contando com os apoios governamental e da ENDIAMA, o Museu Regional do Dundo tem vindo a recuperar significativamente o seu estatuto internacional, permitindo a retoma da investigação científica a partir das suas coleções (*e.g.* Ceriaco *et al.*, 2020). Neste contexto, confere-se às áreas da Geologia da Lunda e da indústria mineira diamantífera uma dimensão bastante especial, também derivada do facto de estas áreas serem estratégicas para a economia angolana (Figura 2B).

O interesse pelas coleções de minerais e rochas, por modelos de equipamentos utilizados em atividades de mineração de diamantes e, também, pelo acervo bibliográfico e documental, motivam o estudo em curso, realizado no âmbito do Doutoramento em Geologia do Departamento de Ciências da Terra da Universidade de Coimbra. Este



Figura 2. A. Fachadas do Museu Regional do Dundo, construído c. 1948; B – Atual exposição de Geologia (minerais, rochas e exploração diamantífera) do museu, aberta ao público desde 2012.

Figura 2. A. Front view of the Dundo Regional Museum, built c. 1948; B – Current Geology exhibition (minerals, rocks and diamond exploration) at the museum, open to the public since 2012.

também transcende o próprio espaço do museu, procurando locais de importância patrimonial, científica e educativa na multiplicidade da geologia regional, que possam servir como novas extensões/polos museológicos de campo e de recolha de amostras para ampliação das coleções existentes. Esta sempre foi uma das linhas diretrizes do museu, com destaque para a estação arqueológica de Bala-Bala (DIAMANG, 1963; MRD, s/d), hoje em processo de recuperação, com os seus espantosos bifaces de tipo acheulense estudados por Henri Breuil (1877-1961).

Na sua configuração presente, a exposição de longa duração do Museu Regional do Dundo compreende um circuito com uma dezena de salas, cuja configuração temática é a seguinte:

A - Sala zero ou de receção, contendo um mapa sobre o movimento migratório dos Cokwe e de outros grupos étnicos aparentados, assim como um guia geral das salas de exposição;

B - Sala 1, que abrange a Arqueologia Pré-Histórica e as suas diversas fases desde o Paleolítico Inferior, ao Neolítico e às idades dos metais, com destaque para África, retratando, também as principais etapas da evolução do Homem e incluindo um modelo didático, de grandes dimensões, de uma gruta paleolítica, e numeroso material lítico encontrado na região, incluindo muitos bifaces, *choppers*, pedras furadas, raspadores, etc.;

C - Sala 2, ligada à organização social dos povos da Lunda, Arrund, Cokwe e povos circunvizinhos que habitam a região Leste de Angola. Estes povos pertencem ao grande grupo que os estudiosos convencionaram chamar de Bantu. A sua instalação nesta região do nordeste de Angola deveu-se a um processo migratório de grande importância, em busca de melhores condições de vida. A exposição compreende objetos de uso pessoal, como pontes, cachimbos, chapéus, postigos e pastas, para além da reconstituição de uma residência de arquitetura tradicional, com paredes pintadas de desenho mural;

D - Sala 3, relacionada com a organização política na sociedade Cokwe, a qual possui como base a aldeia, que, por sua vez, se estrutura através dos laços de parentesco. Contrariamente ao modelo dos Baluba e dos Aruund, que se constituíram em reinos com uma estrutura de poder vertical (existência de um chefe definido comum), os Cokwe estruturaram a sua liderança através da existência de “heróis” condutores dos processos migratórios, os quais exercem suprema autoridade sobre os aglomerados populacionais que forem surgindo nas rotas migratórias, até às áreas onde os seus descendentes se encontram atualmente. Nesta sala dá-se particular destaque à reconstituição da corte e do cota, nela se incluindo uma imagem do soba Sakamanda e de diversas peças do poder;

E - Sala 4, dedicada à caça e à vida doméstica da sociedade Cokwe, em que o processo de hominização do território se associou a um leque de condições favoráveis oferecidas pela biodiversidade local. Estas condições, e as próprias necessidades de sobrevivência dos grupos humanos, constituíram fatores determinantes para a génese da organização social, com a definição de regras de proteção mútua e de obediência. Sendo a Lunda Norte um território com uma fauna abundante e variada, o Homem fez destes animais a sua alimentação e, usando as suas capacidades, criou numerosos instrumentos e artifícios para a caça e captura de diversas espécies. A exposição inclui muitas peças ligadas às atividades domésticas e de caça tradicional, incluindo objetos de uso quotidiano da mulher e armadilhas. Seguem-se, a indústria e as atividades económicas, onde se expõem um alambique e uma canoa tradicional, têxteis, uma oficina de ferreiro e um forno de fundição de ferro;

F - Sala 5, sobre artes e atividades lúdicas, com uma coleção de máscaras itinerantes, esculturas, olaria e cestaria, e instrumentos musicais tradicionais;

G - Sala 6, de transição e exibição de filmes;

H - Sala 7, sob o tema das crenças religiosas, ritos de iniciação e medicina tradicional;

I - Hall de entrada;

J - Sala 9, dedicada à Geologia e à indústria mineira do diamante. Subdivide-se numa sala sobre minerais e rochas da Lunda Norte e indústria mineira, contígua a outro espaço, dedicado aos usos do diamante. Nestas vastas salas expõem-se coleções de minerais e rochas, incluindo kimberlitos e outros materiais geológicos de interesse económico e/ou representativos da geologia regional. Seguem-se equipamentos de prospeção e exploração diamantífera, bem como de separação e tratamento, incluindo brocas e coroas de perfuração, tarolos, um modelo didático de uma lavaria de pré-tratamento em meio denso para diamantes, modelos de lapidação de gemas e peças de peso e medição de diamantes;

L- Sala 10, sobre a época da colonização e a resistência angolana.

4. Considerações finais

O atual Museu Regional do Dundo atravessou um longo período, quase centenário, em que sobreviveu como instituição, através de uma adaptação notável às contingências socioculturais e políticas das épocas que atravessou. Na sua génese destaca-se o papel desempenhado pelo Administrador da DIAMANG em Lisboa, neto de um lente de Mineralogia, Geologia e Arte de Minas da Universidade de Coimbra, também responsável pela secção

Mineralógica do Museu de História Natural. Do seu avô materno terá herdado o gosto de colecionar e a sensibilidade para os objetos geológicos e zoológicos, a que se juntou uma paixão por África. São, por conseguinte, de longa data as sinergias entre Coimbra e o Dundo, enfatizadas aqui numa vertente mais geológica, que sempre subsistiu graças à exploração diamantífera, além das vocações etnográfica, arqueológica e zoológica deste museu. Aliás, no presente circuito expositivo, é óbvia a importância estratégica conferida à Geologia desta província remota de África e à indústria mineira do diamante, sempre pujante, facto que contrasta com a tradição histórica do museu, em que a Etnografia e a Arqueologia Pré-Histórica eram as áreas temáticas dominantes.

Agradecimentos

P. M. Callapez e P. S. Andrade agradecem à ENDIAMA E.P., Fundação Brilhante e Museu Regional do Dundo o apoio em viagens, trabalho de campo e de museu. Ao CITEUC, CGUC e CEF da Universidade de Coimbra pelo apoio no âmbito dos projetos estratégicos UID/Multi/00611/2020, UIDB/00073/2020, UIDP/00073/2020 e UIDB/04004/2020.

Referências

- AAVV, 1995. *Diamang: estudo do património cultural da ex-companhia de diamantes de Angola*. Museu Antropológico, Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Callapez, P. M., Brandão, J. M., 2011. From the Natural Philosophy to modernity: two centuries of scientific geological collecting. In: Fiolhais, C., Simões, C., Martins, D. (Coords.), *Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências*, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1063-1078.
- Callapez, P. M., Brandão, J. M., Paredes, R., Barroso-Barcenilla, F., Santos, V. F., Segura, M., 2014. The Krantz collections of Palaeontology held at the University of Coimbra (Portugal): a century of teaching and museum activities. *Historical Biology*, **27**: 1113-1126.
- Callapez, P. M., Brandão, J. M., Pimentel, R., Gomes, E., Pinto, J. S., Marques, J. F., 2022. Dos minerais do Iluminismo à sistemática de Dufrenoy. O catálogo de 1850 do Museu de História Natural da Universidade de Coimbra. In: Simões, C., Araújo, A. C., Casaleiro, P. (Coords.), *Redes Científicas do Iluminismo na Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 307-357.
- Callapez, P. M., Gomes, C., Pinto, M., Lopes, F., Pereira, L., 2011. O contributo do Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra para os estudos de Paleontologia Africana. In: Neves, L., Pereira, A., Gomes, C., Pereira, L. G., Tavares, A. (Eds.), *Modelação de Sistemas Geológicos*. Universidade de Coimbra, Coimbra, 159-174.
- Callapez, P. M., Marques, J. F., Matias, C., 2008. Os estudos de Paleontologia ultramarina na Universidade de Coimbra e os fósseis do litoral de Benguela (Angola). *Memórias e Notícias* (n. s.), **3**: 301-308.
- Callapez, P. M., Paredes, R., Marques, J. F., Rocha, C., 2010. Retrospectiva histórica das coleções de Paleontologia do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra. In: Brandão, J. M., Callapez, P. M., Mateus, O., Castro, P. (Eds.), *Coleções e museus de Geologia: missão e gestão*. CHFCUE / MMGUC, Coimbra, 53-60.
- Ceriaco, L., Marques, M., Tshibango-André, I., Esteves, A., Blackburn, D., Bauer, A., 2020. Illustrated type catalogue of the “lost” herpetological collections of Museu do Dundo, Angola. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, **162**(7): 379-440.
- DIAMANG - Companhia de Diamantes de Angola, 1963. *Breve notícia sobre o Museu do Dundo*. 4.ª edição. Companhia de Diamantes de Angola, Serviços Culturais, Lisboa, 58.
- Ferreira, M. P., 1987. Dr. Manuel Pereira Jardim, Visconde de Monte-São. *Memórias e Notícias*, **103**: 65-80.
- Ferreira, M. P., 1990. O Museu de História Natural da Universidade de Coimbra desde a Reforma Pombalina até à República. *Memórias e Notícias*, **110**: 53-76.
- Ferreira, M. P., 1998. *200 anos de Mineralogia e Arte de Minas: desde a Faculdade de Filosofia até à Faculdade de Ciências e Tecnologia*. FCTUC, Coimbra.
- Mateus, O., Callapez, P. M., Polcyn, M., Schulp, A., Gonçalves, A., Jacobs, L., 2019. The fossil record of biodiversity in Angola through time: a paleontological perspective. In: Huntley, B., Russo, V., Lages, F., Ferrand, N. (Eds.), *The biodiversity of Angola*. Springer-Verlag, Heidelberg, 53-76.
- Monforte, A., 1960. *Síntese Geral da Geologia do Nordeste da Lunda*. Companhia de Diamantes de Angola, Direção Geral na Lunda. Dundo, Angola.
- MRD - Museu Regional do Dundo, s/d. *Memória viva da Cultura da região Leste de Angola*. Catálogo da Exposição Permanente. Ministério da Cultura, Dundo.
- Real, F., 1959. Intrusões kimberlíticas da Lunda. *Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal* (n/s), **5**: 1-116.
- Rodrigues, M. A. (coord.), 1992. *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis 1772-1937*. Vol. 2. Arquivo da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Sessa, J. A., Callapez, P. M., Dinis, P. A., Hendy, A. J. W., 2013. Paleoenvironmental and paleobiogeographical implications of a Middle Pleistocene mollusc assemblage from the marine terraces of Baía das Pipas, Angola. *Journal of Paleontology*, **87**(6): 1016-1040.
- Silva, A. F., 2005. *A Geologia da República de Angola desde o Paleoarcaico ao Paleozoico Inferior*. INETI, Lisboa.
- Taborda, A., 2023. Ernesto Vilhena, o Senhor Diamante. *Revista Sábado*, **1008**: 30-38.
- Tshibango-André, I., Callapez, P. M., Andrade, P. S., Brandão, J. M., 2017. O Museu Regional do Dundo e as potencialidades do património natural da Lunda Norte (NE Angola). In: Díaz, A., Barroso-Barcenilla, F., Callapez, P.M. (Eds.), *Los mapas de la Naturaleza*. Universidade de Coimbra, Coimbra, 301-303.